

## Aula 3B- Neoliberalismo e Oligopólios

- **Repertório:** análise do documentário → “Privatizações: a distopia do Capital”  
Disponível no Youtube: <https://youtu.be/A8As8mFaRGU>

### RESENHA CRÍTICA “PRIVATIZAÇÕES: A DISTOPIA DO CAPITAL” (2015)

Professora Thais Formagio.

“Privatizações: a distopia do capital”, sob a direção do cineasta brasileiro Silvio Tendler, trata-se de documentário voltado a denunciar a violência do programa de privatizações que permeou o Brasil ao término do século XX, a partir das gestões de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso; além de explicitar as multifacetadas repercussões sociais desse processo de contração do Estado, desde sua concepção até 2015, quando do lançamento da obra cinematográfica. Isto posto, segundo o filme permite apreender, o neoliberalismo - doutrina capitalista calcada no Estado mínimo, portanto, alicerce das privatizações - emerge pioneiramente durante os governos de Margareth Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (Estados Unidos), como meio para a superação das crises econômicas oriundas do Estado de Bem-Estar Social. Frente à essa bem-sucedida experiência neoliberal, o FMI, Banco Mundial, Departamento do Tesouro dos EUA e intelectuais estadunidenses produziram, em 1989, o Consenso de Washington, documento onde foram elencadas 10 condicionalidades para a suposta impulsão do desenvolvimento econômico de países subdesenvolvidos. Todavia, como o subsequente sucateamento da sociedade brasileira, promovido pelos “Fernandos”, veio a denunciar, os quesitos do Consenso de Washington não serviram senão ao inchaço econômico das potências mundiais; pois, à medida que instituíram a abertura de mercados então periféricos às empresas multinacionais, as proposições neoliberais terminaram por forjar uma relação verdadeiramente parasitária. Logo, a progressiva venda do Brasil floresce na década de 1990, a priori em função do governo de Fernando Collor, e, posteriormente, sob o mandato de Fernando Henrique Cardoso.

Embora munidos de argumentações díspares - enquanto o primeiro promoveu a divulgação midiática do Estado como um elefante inconveniente, símbolo da letargia e fardo; o outro sustentava a necessidade de inserir a nação nas tendências mundiais, ou seja, globalização - ambos primaram pela mercantilização da moradia, saúde, educação, entre outras vertentes do corpo social. Processo esse materializado no segundo mais tímido programa de privatizações da década de 90, por meio do qual o Brasil, apenas atrás da recém-desmantelada União Soviética, transferiu o capital estatal responsável por aproximadamente 15% de seu PIB (100 bilhões de dólares) ao setor privado. Tal fenômeno culminou, desse modo, por traduzir ao menos duas facetas da doutrina neoliberal, quais sejam, a covardia, fruto de sua prostração aos interesses empresariais em sacrifício do suprimento de necessidades humanas; e caráter antidemocrático, posto que dilacera a soberania popular e pluralidade para nutrir anseios elitistas. Não a esmo, segundo o professor da UNICAMP, Marcio Pochmann, a mencionada série de privatizações implicou na dizimação de mais de 500.000 postos de trabalho. Para além disso, as repercussões catastróficas são múltiplas: a transferência da malha ferroviária brasileira ao segundo setor significou a redução do número de estradas férreas a apenas dois ramais, voltados ao transporte de cargas; isto é, em vez de expandidas com o fito de beneficiar a população, dado o possível alargamento da mobilidade e conseqüente atenuação do preço de bens, as ferrovias foram meramente moldadas às necessidades de seu proprietário.

Ademais, a privatização da Light no ano de 1996 foi caracterizada pelo aumento das tarifas sobre energia em 58%, escasseamento e racionalização da mesma (a partir do que houve a generalização das ocorrências de blecautes e apagões), bem como pela concessão de empréstimos do BNDES, com recursos extraídos do FAT, FGTS e PIS/PASEP. No tangente à privatização dos segmentos de saúde e transporte coletivo, dentre um período de 2 anos, 11 mil leitos públicos cederam espaço à abertura de apenas 8 mil privados, processo articulado à precarização do SUS - submetido

[www.profthaisformagio.com.br](http://www.profthaisformagio.com.br)

a sub-financiamentos, e cujos cargos passaram a ser distribuídos sem a mediação de concursos públicos, para funcionários terceirizados; quanto ao segundo segmento, revela-se problemático à medida que o ordenamento dos transportes coletivos sob a lógica lucrativa acirra o exílio vivido pelas populações periféricas, como cita Ermínia Maricato no documentário. Sumariamente, frente às análises expostas, o fato de as privatizações colocarem-se perversamente é indubitável, vista a dicotomia entre a perspectiva holística atribuída ao Estado e a preocupação egoísta da qual se imbui a propriedade privada. Ou seja, a tirania deste fenômeno neoliberal reside, como supracitado, em seu caráter parasitário: as empresas nutrem-se de infraestruturas originalmente providas pelo Estado para o povo (a exemplo de energia elétrica, meios de circulação, mecanismos de comunicação...), e, como que insuficiente não gerar benefícios a este, ainda dilaceram as circunstâncias de sua vida. “Como disse o professor Milton Santos, ‘a qualidade dos serviços públicos é que assinará a carta de alforria dos moradores, em especial os jovens, que vivem o destino do exílio na periferia’. ESTE É O MOMENTO”.

Bons Estudos